

Desporto e humanismo na memória da Revolução dos Cravos – uma introdução

Alfredo Teixeira, José Carlos Lima

Desde 2015, a Universidade Católica Portuguesa desenvolve atividades de formação e investigação, em cooperação com o Instituto Português do Desporto e Juventude, no âmbito da linha temática «Desporto, Ética e Transcendência». Na quarta edição do Colóquio «Desporto, Ética e Transcendência» (20-06-2024), a Cátedra Manuel Sérgio (UCP-CITER) associou-se ao espírito de comemoração dos 50 anos da Revolução dos Cravos, para propor um itinerário formativo centrado na relação do desporto com os princípios e valores da liberdade e da democracia.

Em 1976, Manuel Sérgio publicava, na editora Seara Nova, uma obra que respirava o espírito do tempo, com o título «Desporto e Democracia». O seu prefaciador, Baptista-Bastos, é incisivo no Prólogo deste livro: «O título do livro é uma escolha, a imagem preferencial da reflexão feita sobre o desporto entendido como cultura – e em democracia» (Sérgio 1976, 10). Apresentando um percurso histórico pelo pensamento sobre as atividades corporais, o livro pode ser lido, essencialmente, como uma filosofia da cultura. Isto porque, na sua ótica, o desporto é cultura. Nesse sentido, não pode ser desvinculado da dinâmica social e do compromisso político. O livro dá conta da sua proximidade de um universo intelectual muito marcado pela leitura de algumas das tradições intelectuais do marxismo, chegando a frequentar a *célula de escritores ligados ao Partido Comunista Português* – as referências marxistas sofrerão remodelações diversas no seu percurso biográfico. Recorde-se que, entre 1991 e 1995, foi deputado à Assembleia da República, na VI Legislatura (1991-1995), pelo Partido da Solidariedade Nacional, do qual foi o primeiro presidente. Cumpriu essa legislatura, mas acabou por se afastar desse projeto partidário.

Num contexto ainda anterior ao da sua tese sobre a Motricidade Humana, Manuel Sérgio, em «*Desporto e Democracia*», reconhece um amplo itinerário moderno na construção do humanismo desportivo, participando da geografia mais ampla do humanismo, desde Arnold e Coubertin até personalidades religiosas como os Papas João XXIII e Paulo VI, passando pelo pensamento do teólogo Teilhard Chardin (cf. Sérgio 1976, 155-56). Na ótica de Manuel Sérgio, o desporto deve acompanhar, com o máximo interesse, as perguntas instigantes acerca da natureza humana, quanto à sua origem, destino e posição no mundo. Nesse sentido, a supercompetição, estruturada a partir da opressão do ser humano pelo outro ser humano, apresenta-se como a negação do sentido humanista do desporto. No quadro de uma teoria crítica da modernidade, Manuel Sérgio pensa as dimensões míticas do desporto, criticando o que nele possa ser alienação ou unidimensionalidade. Recorrendo à categoria «sociedade tecnocrónica» – expressão que, à época, procura dar conta do impacto das tecnologias e da eletrónica nas novas formas de capitalismo –, Manuel Sérgio sublinha que a frustração das dimensões humanistas do desporto contribui para o aumento dos obstáculos à concretização das aspirações humanas de igualdade, justiça e participação.

A prática desportiva introduz na historicidade humana uma particular dinâmica, a tensão para um fim (cf. Sérgio 1976, 159-64). No quadro das gramáticas ideológicas em discussão, nesse momento de construção democrática da sociedade portuguesa, esse «fim» toma corpo na figura da desalienação. Assim, para o filósofo, esse é o papel do humanismo desportivo, numa sociedade democrática. Dir-se-ia, um desporto desmitologizado, ao serviço da criatividade cultural. Na sua perspetiva, o agonismo desportivo dá lugar a expressões do belo, enquanto superação permanente. Nesta ótica, as práticas lúdicas, agonísticas e simbólicas traduzem a vontade do ser humano se realizar como sujeito, na sua abertura ao sonho, na sua vontade de libertação, perseguindo o inédito e o absoluto (cf. Sérgio 2019, 80-81). O filósofo procura uma compreensão do desporto no quadro da gratuidade própria da atividade estética, em contraste com as atividades de índole produtiva. Do mesmo modo se alerta para os riscos do desporto-espetáculo, na medida em que ele possa acentuar a unidimensionalidade alienante do desporto.

Esta crítica ao desporto-alienação encontra ecos nas novas teorias críticas da modernidade (Bartolomei e Teixeira 2023). Recentemente, Hartmut Rosa retomou o conceito de alienação, como categoria de análise do mundo da

Desporto e humanismo na memória da Revolução dos Cravos – uma introdução

vida (cf. Rosa 2019). O seu pensamento reformista sublinha que o mundo deve ser apreendido como um «outro» que resiste, uma alteridade irreduzível, para ser escutado na sua própria voz. A alienação é uma disposição que resulta da frustração da ressonância, enquanto escuta da alteridade do «mundo». Nos regimes políticos autoritários, essa alienação consiste na ficção de que o «outro» deve ser eliminado para que a comunidade imaginada subsista – é uma falsa ressonância, uma vez que é aniquilante do outro. Num regime social e político liberal, as técnicas de desenvolvimento pessoal, no novo capitalismo, podem ser lidas também como uma falsa ressonância, uma vez que a pretensa abertura ao mundo se reconfigura numa lógica exclusivamente produtiva e competitiva, instrumentalizando os sujeitos e inviabilizando a possibilidade de abertura à descoberta pessoal do mundo como «*outro*».

No quadro da hermenêutica de Hartmut Rosa, a atividade desportiva caracteriza-se pelo facto de o próprio corpo se constituir como a materialidade que se experimenta como «coisa viva», irreduzível, cuja voz se torna audível (cf. Rosa 2021). As atividades desportivas são lidas nesta abertura ao mundo que chega pelo corpo, sem outra finalidade que não seja sentir o próprio corpo, num diálogo entre matéria e espírito, num processo de mútua transformação. Por seu lado, a valorização da linguagem motora, na filosofia sergiana, visa reinstaurar um estilo de vida aberto ao mundo, desenvolvendo a consciência de si como ser no mundo (cf. Sérgio 2018, 166-68). A alienação, no cruzamento destas perspetivas, resulta de lógicas de ação nas quais o desporto já não é um fim em si mesmo, mas um meio instrumental para acumular capital corporal ou capital económico (cf. Rosa 2016). Na crítica ao desporto-mercadoria, Hartmut Rosa e Manuel Sérgio encontram-se em alguns argumentos. Rosa não ignora que os consumos integram a *lógica do desporto*. E o consumo não é necessariamente alienante. Ele pode ser uma «promessa de ressonância», na medida em que permitir formas de abertura à escuta do mundo (tal como a compra de um livro nos vai permitir viver «co-movidos»). Quando o processo de mercantilização não integra uma assimilação transformadora, isso significa que a coisa comprada, enquanto tal, não tem voz própria. Na perspetiva de Manuel Sérgio, a gigantesca mercantilização do desporto destrói esta voz própria das práticas desportivas. Na sua ótica, o rendimento e a *performance*, por si sós, provocam exclusão, desigualdade e novas formas de exploração, reeditando ou facilitando a emergência de novas técnicas de objetificação dos sujeitos (cf. Sérgio 2004, 30). Na hermenêutica sergiana, o desempenho

desportivo, enquanto lugar de expressão da motricidade humana, realiza-se na cooperação. A cooperação é intersubjetividade. Não há intersubjetividade sem subjetividade. Não há realização da subjetividade sem liberdade¹.

Referências

- Rosa, Hartmut. 2016. *Alienación y aceleración: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía*. Trad. del alemán. Discusiones 2047. Madrid, Buenos Aires: Katz.
- Rosa, Hartmut. 2019. *Resonancia: una sociología de la relación con el mundo*. Trad. del alemán. Conocimiento 3103. Madrid, Buenos Aires: Katz.
- Rosa, Hartmut. 2021. *Lo indisponible*. Trad. del alemán. Barcelona: Herder.
- Sérgio, Manuel. 1976. *Desporto em Democracia*. Lisboa: Seara Nova.
- Sérgio, Manuel. 2004. *Alguns olhares sobre o corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2018. *Para uma epistemologia da motricidade humana: prolegómenos a uma nova ciência do homem*. Reedição. Lisboa: Nova Vega.
- Sérgio, Manuel. 2019. *Algumas teses sobre o desporto*. 6.ª edição. Portugal: Compendium.

¹ Assinale-se, neste lugar de agradecimento, a presença testemunhante, no IV Colóquio «Desporto, Ética e Transcendência», de Rodolfo Begonha (ex-atleta, técnico e dirigente), António Simões (ex-futebolista, treinador e comentador) e do jornalista António Simões. É devido um agradecimento também a todas e a todos os moderadores que dinamizaram as diferentes mesas temáticas: Patrícia Tavares, Rita Mendonça Leite, Juan Ambrosio, Rui Miguel Tovar, Inês Espada Vieira, Cristina Sá Carvalho.